PROJETO EDUCATIVO

Agrupamento de Escolas Manuel da Maia

2025 - 2028

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS MANUEL DA MAIA

REPÚBLICA PORTUGUESA | EDUCAÇÃO

“Queremos,

Sonhamos,

Fazemos”

Lema do Agrupamento

ÍNDICE

Pág.

1. INTRODUÇÃO 6

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO AGRUPAMENTO 7

2.1. CARACTERIZAÇÃO DO MEIO 7

2.1.1. Freguesia de Campo de Ourique 7

2.1.2. Freguesia da Estrela 8

2.2. CARACTERIZAÇÃO DO AGRUPAMENTO 9

2.2.1. Patrono 9

2.2.2. O Agrupamento 9

2.2.3. Breve caracterização da população escolar 12

2.2.4. Recursos Humanos 14

2.2.5. Recursos materiais 15

2.2.6. Parcerias e Instituições 15

3. PRINCÍPIOS ORIENTADORES 17

3.1. MISSÃO 17

3.2. VISÃO 17

4. PLANO ESTRATÉGICO 18

4.1. A MATRIZ AXIOLÓGICA - QUADRO DE VALORES 20

4.2. CARTA DE PRINCÍPIOS – COMO PÔR EM PRÁTICA OS VALORES 20

4.3. METODOLOGIA 21

4.4. DISPOSITIVOS PEDAGÓGICOS 22

4.5. ORGANIZAÇÃO DO PRÉ-ESCOLAR 23

4.6. ORGANIZAÇÃO DO 1.º CICLO 23

4.7. ORGANIZAÇÃO DO 2.º CICLO 24

4.8. ORGANIZAÇÃO DO 3.º CICLO 25

4.9. A POLÍTICA DE INCLUSÃO NO AGRUPAMENTO 25

4.10. A POLÍTICA DE APOIO ÀS CRIANÇAS E JOVENS 26

4.11. A POLÍTICA DA VOZ DAS CRIANÇAS E JOVENS 26

4.12. REFERENCIAIS DE APRENDIZAGEM 26

4.13. PROJETOS EXTERIORES À ESCOLA 27

4.14. A POLÍTICA DE AVALIAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO 27

4.15. OBJETIVOS GERAIS 27

4.16. MAPA ESTRATÉGICO E METAS 27

4.17. AÇÕES E INDICADORES DO PLANO ESTRATÉGICO 29

4.17.1. Assembleia de escola 29

4.17.2. Desenvolvimento de roteiros de estudo (diferenciação e diversificação pedagógica) 29

4.17.3. Mais Português 29

4.17.4. Intervisão de docentes 29
4.17.5. Imersão linguística e cultural 29
4.17.6. Apoio na disciplina de matemática do 3.º ciclo; 30
4.17.7. Fonologia no Pré-escolar 30
4.17.8. Tutorias comportamentais no 3.º ciclo 30

5. ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA 31

5.1. ÓRGÃOS DE DIREÇÃO, GESTÃO E ADMINISTRAÇÃO 31

6. MONITORIZAÇÃO E AVALIAÇÃO DO PROJETO EDUCATIVO 32

6.1. MONITORIZAÇÃO E AVALIAÇÃO DO PE 32

7. DIVULGAÇÃO DO PROJETO EDUCATIVO 34

8. BIBLIOGRAFIA 35

ESCOLA PREPARATÓRIA DE
MANUEL DA MAIA
MANUEL DA MAIA
1680 — 1768

CoLaborar

1. INTRODUÇÃO

O Projeto Educativo (PE), regulamentado pelo Dec. Lei nº 137/2012, de 2 de Julho, (e republicação do Decreto-Lei nº 75/2008, de 22 de Abril), de acordo com o seu Artigo 9º, ponto 1, alínea a), é "(…) *o documento que consagra a orientação educativa do agrupamento de escolas, elaborado e aprovado pelos seus órgãos de administração e gestão para um horizonte de três anos, no qual se explicitam os princípios, os valores, as metas e as estratégias segundo os quais o agrupamento de escolas (…) se propõe cumprir a sua função educativa.*"

Tal definição faz do PE um documento fundamental e estruturante, pois é nele que se define toda a orientação da atividade educativa e escolar, construída de forma partilhada, realista, motivadora e avaliável, no sentido de poder ser melhorada.

A construção do PE foi orientada por princípios de envolvimento e responsabilização dos vários intervenientes na vida escolar, tendo-se procurado que o seu plano de ação se adequasse às características e aos recursos do Agrupamento, bem como às solicitações e aos apoios da comunidade em que se insere. Neste sentido, o PE pretende apontar objetivos e metas comuns para todo o Agrupamento, vislumbrando caminhos para melhorar a gestão e o funcionamento dos diferentes serviços, com vista à melhoria da qualidade do ensino que é prestado aos alunos.

O PE engloba um leque de linhas orientadoras que se operacionalizam através de um planeamento que articula o plano de ação TEIP 4 (Território Educativo de Intervenção Prioritária), o plano anual e plurianual de atividades (PAA), o regulamento interno (RI).

Em suma, o PE do Agrupamento de Escolas Manuel da Maia visa construir uma escola de todos e para todos, capaz de fomentar aprendizagens de qualidade, promovendo o sucesso educativo.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO AGRUPAMENTO

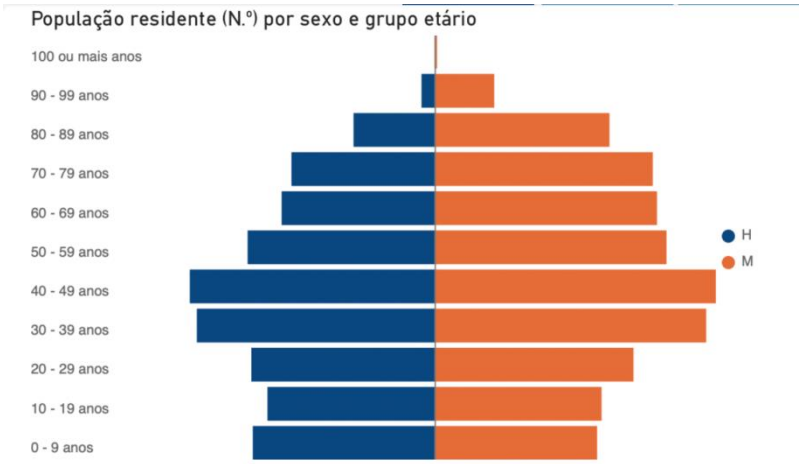
2.1. CARACTERIZAÇÃO DO MEIO

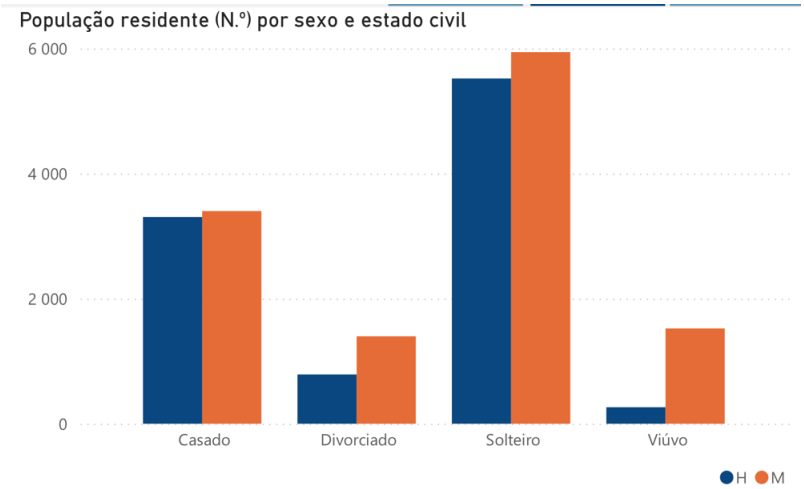
O Agrupamento de Escolas situa-se nas freguesias de Campo de Ourique e da Estrela.

2.1.1. Freguesia de Campo de Ourique

A freguesia de Campo de Ourique recebe a denominação do bairro de Campo de Ourique, antiga terra de quintas pertencentes a Campolide. Projetado por Frederico Ressano Garcia, após a implantação da República em 1910, compreende o retângulo entre as ruas Ferreira Borges e Tomás de Anunciação, Campo de Ourique e Saraiva de Carvalho.

A freguesia de Campo de Ourique abrange as freguesias anteriormente designadas de Santa Isabel e Santo Condestável.



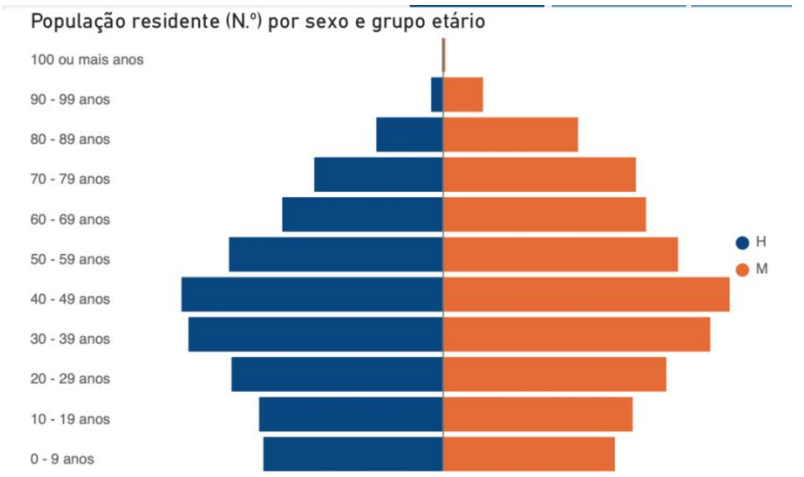


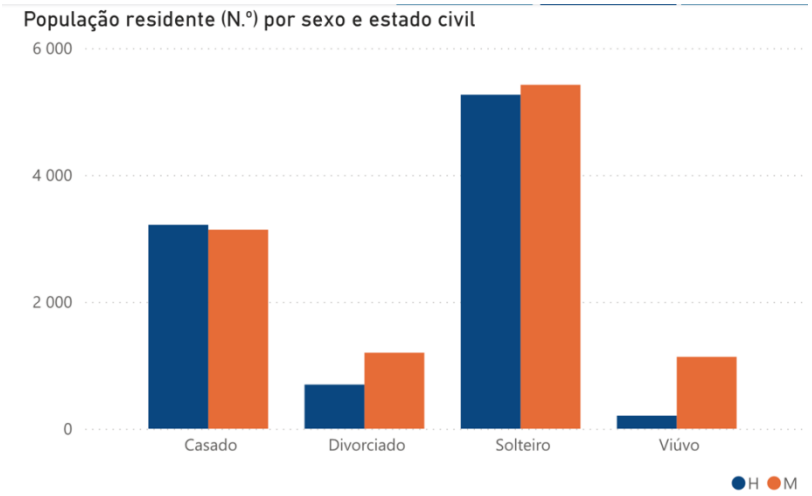
Caracterização social da freguesia de Campo de Ourique – Dados da população (censos 2011)

2.1.2. Freguesia da Estrela

Um convento beneditino fundado em 1572, dedicado a Nossa Senhora da Estrela, está na origem do nome desta nova freguesia. O edifício é hoje ocupado pelo Hospital Militar Principal.

A freguesia da Estrela agrega as antigas freguesias da Lapa, Santos-o-Velho e Prazeres.





Caracterização social da freguesia da Estrela - Dados da população (censos 2021)

2.2. CARACTERIZAÇÃO DO AGRUPAMENTO

2.2.1. Patrono

Manuel da Maia nasceu em Lisboa a 5 de Agosto de 1677 e aqui faleceu a 17 de Setembro de 1768, encontrando-se o seu túmulo no Convento de S. Pedro de Alcântara, que tinha fundado para albergar meninas desvalidas da nobreza. De uma longevidade incomum para a época, tinha 91 anos quando faleceu.

Era um dos homens mais cultos do século XVIII português e foi um dos mais importantes engenheiros militares, desenvolvendo uma longa carreira militar ligada à arquitetura, de que se destacam as fortificações em Lisboa, Estremoz (1703), Beira (1704) e Abrantes (1704).

Regeu a conceituada *Aula de Fortificação*, tendo sido professor do futuro rei D. José I e escreveu dissertações no campo do urbanismo. Foi igualmente cronista da Casa de Bragança e membro da Real Academia da História.

Das suas extensas obras de engenharia conta-se a elaboração da planta da cidade de Lisboa, antes do terramoto, e a superintendência das obras do Aqueduto das Águas Livres (1732 e 1736).

Em 1745 foi nomeado Guarda-mor da Torre do Tombo, onde realizou um trabalho notável na organização e catalogação da documentação aí guardada.

É nomeado “mestre-de-campo general com o exercício de engenheiro-mor do Reino” em 1754.

Aos 78 anos de idade, no terramoto de Lisboa do dia 1 de Novembro de 1755, com a ajuda dos empregados e da população do Castelo, resgatou do incêndio na Torre do Tombo todo o recheio documental português do período entre 1161 a 1696, num total de 90 mil documentos.

Após várias insistências do engenheiro Manuel da Maia junto do Marquês de Pombal, a Torre do Tombo é transferida, em 1758, para uma parte do edifício do Mosteiro de São Bento da Saúde (atual Assembleia da República), onde permanecerá até 1990.

2.2.2. O Agrupamento

Em 28 de maio de 2008, com a implementação do “novo modelo de gestão e autonomia das escolas”, o Agrupamento então criado, sobre proposta da Comissão Executiva em exercício, vê reconhecido como patrono, Manuel da Maia, por despacho da Direção Regional de Educação de Lisboa integrando agora, os seguintes estabelecimentos de ensino:

ESCOLA BÁSICA DE 1.º CICLO COM JARDIM DE INFÂNCIA SANTO CONDESTÁVEL

Ano de construção - 1915

Património Municipal - Edifício adaptado para o Ensino

Remodelado em 2013
Freguesia: Campo de Ourique

Rua Pereira e Sousa, 60
1350 - 237 Lisboa
213 859 730

eb1scondestavel@aemanuelmaia.com
Coordenadas: 38° 43' 11.87" N 9° 10' 3.89" W

ESCOLA BÁSICA DE 1.º CICLO COM JARDIM DE INFÂNCIA FERNANDA DE CASTRO

Ano de construção – 1943
Freguesia: Estrela

Tapada das Necessidades
1350 - 215 Lisboa
213 979 247

eb1fernanda.de.castro@aemanuelmaia.com

Coordenadas: 38° 42' 33.17" N 9° 10' 16.38" W

ESCOLA BÁSICA INTEGRADA MANUEL DA MAIA

Ano de construção – 1963
Freguesia: Campo de Ourique

Rua Freitas Gazul, 6
1350 - 149 Lisboa
213 928 870

secretaria@aemanuelmaia.com

Coordenadas: 38° 43' 2.56" N 9° 10' 13.31" W

2.2.3. Breve caracterização da população escolar

O Agrupamento de Escolas Manuel da Maia (AEMM) tem em média 750 alunos em cada ano letivo, maioritariamente das freguesias de Campo de Ourique e Estrela. Acolhe ainda alunos oriundos de outros pontos da cidade e de localidades periféricas (Amadora, Odivelas, Almada, Oeiras, etc.) por força da atividade profissional dos pais/Encarregados de Educação estar localizada na zona de influência do Agrupamento.

Escola	*Masculino*	*Feminino*	*Total*
Escola Básica de Santo Condestável, Lisboa	170	137	307
Escola Básica Fernanda de Castro, Lisboa	31	30	61
Escola Básica Integrada Manuel da Maia, Lisboa	224	152	376
TOTAIS	***425***	***319***	***744***

Quadro 1 – Número de alunos por estabelecimentos de ensino no Agrupamento – 24/25

Nível	*Masculino*	*Feminino*	*Total*
Educação Pré-Escolar	72	67	139
1º Ciclo do Ensino Básico	186	143	329
2º Ciclo do Ensino Básico	48	32	80
3º Ciclo do Ensino Básico	120	76	196
TOTAIS	***426***	***318***	***744***

Quadro 2 - Número de alunos por nível de escolaridade no Agrupamento – 24/25

O agrupamento é frequentado por **306** alunos estrangeiros, provenientes maioritariamente do Brasil, PALOPs, países do leste europeu, países do sul da Ásia e da China.

Destes alunos, **95** frequentam a disciplina de Português Língua Não Materna.

Nível	*Alunos estrangeiros*
Educação Pré-Escolar	42
1º Ciclo do Ensino Básico	136
2º Ciclo do Ensino Básico	37
3º Ciclo do Ensino Básico	91
TOTAIS	***306***

Quadro 3 - Número de alunos estrangeiros por nível de ensino no Agrupamento – 24/25

Nível	*Alunos - PLNM*
Educação Pré-Escolar	0
1º Ciclo do Ensino Básico	55
2º Ciclo do Ensino Básico	7
3º Ciclo do Ensino Básico	33
TOTAIS	***95***

Quadro 4 - Número de alunos com PLNM por nível de ensino no Agrupamento - 24/25

A zona de inserção do Agrupamento apresenta características muito diversificadas em termos económicos, sociais e culturais. Os alunos dos estabelecimentos de ensino que constituem o Agrupamento são, na sua maioria, oriundos de um meio socioeconómico bastante carenciado e, em alguns casos, fazem parte de agregados familiares não tradicionais.

	Acção Social Escolar	
Nível	*Escalão A*	*Escalão B*
Educação Pré-Escolar	49	28
1º Ciclo do Ensino Básico	132	62
2º Ciclo do Ensino Básico	33	10
3º Ciclo do Ensino Básico	73	23
TOTAIS	***287***	***123***

Quadro 5 - Número de alunos com apoio ASE, por nível de escolaridade - 24/25

2.2.4. Recursos Humanos

No agrupamento trabalham cerca de **109** pessoas divididas em Assistentes Operacionais (31), Assistentes Técnicos (7), Técnicos Especializados (3) e Docentes (77).

Escola	*Pré-escolar*	*1º Ciclo*	*2º Ciclo*	*3º Ciclo*	*Educação Especial*
Escola Básica de Santo Condestável	5	16	-	-	2
Escola Básica Fernanda de Castro	1	3	-	-	1
Escola Básica Integrada Manuel da Maia	1	5	14	24	3
DISTRIBUIÇÃO por CATEGORIAS					
QA	6	24	12	18	5
QZP	-	-		1	-
CONTRATADOS	1	0	2	5	1
TOTAIS	**7**	**24**	**14**	**24**	**6**

Quadro 6 - Distribuição do pessoal docente por escolas, vínculo e níveis de ensino - 24/25

Escola	*Técnico superior*	*Coordenador técnico*	*Assistente técnico*	*Assistente operacional*
Escola Básica de Santo Condestável, Lisboa	-	-	-	13
Escola Básica Fernanda de Castro, Lisboa	-	-	-	2
Escola Básica Integrada Manuel da Maia, Lisboa	2	1	7	16
TOTAIS	**2**	**1**	**7**	**31**

Quadro 7 - Distribuição do pessoal não docente por categorias e escolas - 24/25

2.2.5. Recursos materiais

Escola	*Salas de aula*	*Ginásio*	*Laboratórios*	*Biblioteca*	*Papelaria*	*Sala de Informática*	*Auditório*	*Reprografia*	*Refeitório*	*Bar*
Escola Básica de Santo Condestável, Lisboa	21	1	-	1	-	1	-	-	1	-
Escola Básica Fernanda de Castro, Lisboa	5	-	-	-	-	-	-	-	1	-
Escola Básica Integrada Manuel da Maia, Lisboa	33	2	3	1	1	1	1	1	1	1
TOTAIS	**59**	**3**	**3**	**2**	**1**	**2**	**1**	**1**	**3**	**1**

Quadro 8 – Instalações e equipamentos por estabelecimento – 24/25

2.2.6. Parcerias e Instituições

Estabelecer parcerias tem sido uma preocupação constante do Agrupamento de Escolas Manuel da Maia, de forma a desenvolver uma política de cooperação com outras entidades/instituições, numa perspectiva de intercâmbio de recursos e saberes.

Deste modo, as parcerias formalizadas e outras formas de colaboração com diversas Instituições são indispensáveis para colmatar lacunas e assegurar respostas às necessidades num quadro de interligação Escola - Comunidade.

Ao rentabilizar estes recursos, estabelecem-se redes de comunicação, desenvolvem-se atividades de enriquecimento cultural, cívico e pessoal, estimulando sentimentos de solidariedade, cooperação, autonomia e criatividade. Em suma, otimiza-se o funcionamento de equipas multidisciplinares de forma a promover o sucesso escolar e educativo.

As principais entidades com as quais o Agrupamento de Escolas Manuel da Maia tem desenvolvido parcerias são:

Entidades	Parcerias
Ministério da Administração Interna	PSP – Escola Segura
Ministério da Saúde	Centro de Saúde de Santo Condestável Centro de Saúde da Lapa
Ministério da Trabalho e da Segurança Social	Santa Casa da Misericórdia de Lisboa
Ministério da Justiça	Comissão de Proteção de Crianças e Jovens (Lisboa Ocidental)
Autarquia	Junta de Freguesia de Campo de Ourique Junta de Freguesia da Estrela Câmara Municipal de Lisboa
IPSS	Instituto da Imaculada Conceição para pessoas com necessidades especiais Centro de Atendimento a Adolescentes – "Aparece" – Centro de Saúde de Sete Rios
Outras Entidades	Fundação Salesianos de Lisboa - Oficinas de S. José – Serviço SolSal Lisboa Instituto de Educação Escola de artes plásticas – A Base Fazer a Ponte – Projeto Alcântara Academia Mundo das Artes - AMA Rede Emprega Bombeiros de Campo de Ourique Fundação Aga Khan Associação Skoola Ginásio O Espaço Cinzenta CPR

Quadro 9 – Parcerias em 24/25

3. PRINCÍPIOS ORIENTADORES

O Agrupamento de Escolas Manuel da Maia valoriza uma educação integral do ser humano, promotora da cidadania e da responsabilidade.

De acordo com o quadro legal, definem-se como princípios orientadores e objetivos da ação educativa:

- Promover o sucesso, prevenir o abandono e melhorar a qualidade do ensino;
- Promover a equidade social, concretizada na igualdade de oportunidades;
- Assegurar melhores condições de estudo, trabalho e desenvolvimento pessoal e profissional;
- Cumprir e fazer cumprir direitos e deveres e manter a disciplina;
- Observar o primado dos critérios de natureza pedagógica sobre os de natureza administrativa;
- Assegurar a estabilidade e a transparência da gestão e administração através dos adequados meios de comunicação e informação;
- Proporcionar condições para a participação dos membros da comunidade educativa.

3.1. MISSÃO

O Agrupamento, através do seu PE, ambiciona contribuir para impulsionar um modelo pedagógico ajustado às necessidades e interesses dos seus alunos. Pretende-se que o Agrupamento seja capaz de responder às necessidades da comunidade envolvente e às exigências do mundo atual e, assim, preparar e qualificar os seus alunos para prosseguirem os seus estudos ou ingressarem na vida ativa, munindo-os de capacidades que garantam a sua empregabilidade e aprendizagem ao longo da vida.

O Agrupamento assume, por missão:

"Promover o desenvolvimento harmonioso e integral das crianças e jovens, através da educação para a diversidade, autonomia e cidadania"

3.2. VISÃO

O Agrupamento pretende ser capaz de receber todos os públicos e de se organizar para nele cada um encontrar uma resposta adequada e uma oportunidade. Um Agrupamento capaz de detectar as diferenças potenciadoras de uma comunidade escolar mais rica, que assente na diversidade.

Assim, assumimos como visão:

"Ser uma Escola de referência na identidade da comunidade de Campo de Ourique, valorizando a Qualidade, a Autonomia, a Criatividade e os Afetos, para o Sucesso"

4. PLANO ESTRATÉGICO

A conceção da educação sob uma perspectiva **holística** pressupõe reconfigurar a Escola para que esta, enquanto instituição pública de educação, se adapte a uma forma humanizada de entender o fenómeno da educação. Mais do que a mera soma dos seus elementos — alunos, docentes, pais e funcionários —, a educação deve ser entendida pela forma como esses atores se articulam e colaboram na formação integral do cidadão.

Assim, defendemos uma aprendizagem que permita o desenvolvimento de competências cognitivas, sociais, emocionais e éticas, para a **formação de um cidadão** que melhor se relacione com tudo o que o cerca.

Os profissionais de educação deverão cumprir a sua missão na ótica da formação plena do indivíduo, o que significa a constituição de equipas multidisciplinares que se alinhem em torno de uma proposta metodológica preocupada com as características individuais e centrada nos valores fundamentais definidos na matriz axiológica.

Defendemos, ainda, a participação ativa do aluno, em diálogo com o professor, através da autoavaliação, bem como a utilização de tarefas de aprendizagem significativas e aplicáveis à realidade de cada um. Além disso, propomos atividades que estimulem desafios cognitivos, sociais e emocionais, promovendo uma educação verdadeiramente transformadora.

Desta forma, devemos desconstruir o mito de que "está tudo na internet e o professor é mero facilitador", reafirmando o papel essencial e transformador do adulto enquanto professor e organizador dos projetos de vida de cada criança e jovem. Mais do que transmitir conhecimento, o educador deve acompanhar os alunos na construção das suas aprendizagens, orientá-los na gestão das emoções e guiá-los na descoberta de caminhos que promovam a sua plena integração na sociedade.

Nesta sociedade cada vez mais digital, é fundamental compreender que a tecnologia não deve ser vista como um obstáculo, mas como um recurso valioso para o acesso à informação, à comunicação eficiente, partilha de conhecimento e produção de evidências mais robustas de aprendizagem.

É, portanto, essencial cultivar a pedagogia do digital, de forma equilibrada e sem extremismos, reconhecendo que a evolução tecnológica é irreversível.

Qualquer instituição de ensino deve também compreender de que forma cada jovem melhor aprende. Este tema será desenvolvido no capítulo "metodologias".

O currículo deve ser visto como o conjunto das interações, experiências, atividades, rotinas e acontecimentos planeados e não planeados que ocorrem num ambiente educativo inclusivo o que pressupõe uma *"(...) gestão flexível do currículo, dos espaços e dos tempos escolares de modo que a ação educativa nos seus métodos, tempos, instrumentos e atividades possa responder às especificidades de cada um."* (Lei 116/2019, 13 de setembro (alínea e), artº 3º , alteração do DL 54/2018)

Desta forma, o currículo torna-se tridimensional sendo composto pela dimensão universal, constituída pelo conjunto de saberes que escolhemos ensinar, a dimensão de comunidade, que inclui o que cada aluno escolhe representar e a forma como interage com o que o rodeia, e a dimensão neuro afirmativa, que é constituída pelos sonhos de cada estudante e respetivo funcionamento neurológico.

Este currículo, de tripla dimensão, é operacionalizado nesta capacitação através da seguinte orientação sociopedagógica:

Integridade - através das políticas do cuidar

Desenvolvimento - através da gestão cooperativa

Sustentabilidade - liderada pela preservação da diversidade

Convicção - alimentada pela ciência e o potencial criativo

Sendo visto como este conjunto de experiências, não tem sentido formatar as aprendizagens por anos de escolaridade, formatando também a avaliação dos alunos aos conteúdos lecionados de igual forma para todos. Este procedimento provoca retenções evitáveis para aqueles que, em determinado momento, não desenvolvem as aprendizagens ao ritmo sugerido pelo professor.

É fundamental, portanto, rever a organização e passar para uma dinâmica mais longa de trabalho, como está descrita nos capítulos da organização dos ciclos. Também o espaço de aprendizagem condiciona o trabalho a desenvolver. Uma organização com carteiras em fila favorece a centralidade do professor, a exposição da matéria e a instrução por parte deste. Uma organização em espaços mais amplos favorece o aparecimento de diferentes cenários de aprendizagem e de diferentes zonas de trabalho.

O Agrupamento investirá na formação dos docentes para estarem capacitados para as mudanças necessárias. Através das receitas próprias e através do Centro de Formação, todos os docentes terão formação para poder responder à metodologia de trabalho de projeto, dinâmicas de cooperação nos espaços educativos, dinâmica e gestão de grupo, português para estrangeiros entre muitas outras.

O projeto educativo do Agrupamento de Escolas Manuel da Maia procura a melhoria da qualidade das aprendizagens, através de uma organização administrativa e pedagógica que permita cumprir os objetivos a que se propõe. Esta organização encontra-se espelhada nos capítulos seguintes, bem como os objetivos, metas e indicadores. O projeto terá o nome de ***COOLABORAR***.

4.1. A MATRIZ AXIOLÓGICA - QUADRO DE VALORES

A matriz axiológica confere a organização dos valores de uma instituição. O trabalho com os alunos deve ter esses valores como horizonte orientador. Os valores a assumir pelo Agrupamento são:

a) Autonomia com responsabilidade;
b) Solidariedade e cooperação;
c) Respeito e empatia;

4.2. CARTA DE PRINCÍPIOS – COMO PÔR EM PRÁTICA OS VALORES

A carta de princípios é o referencial de vivência dos valores assumidos. Os tutores e os professores, e todas as pessoas que colaboram na tarefa de alcançar as aprendizagens, devem ter por base, em qualquer iniciativa que vise a sua promoção, partir sempre dos valores acordados na matriz axiológica e praticá-los no dia-a-dia.

a) Autonomia com responsabilidade

A responsabilidade de todos não se limita apenas ao cumprimento dos deveres e das funções. O tutor e o professor são responsáveis por tomar decisões, ser pro-ativos e procurar constantemente a melhoria, novas ideias, novos caminhos.

Seja qual for a função específica, o AEMM tem sempre em mente que a sua primeira responsabilidade é para com as crianças e os jovens, o seu bem-estar, a sua proteção, a sua humanização e o seu desenvolvimento nos mais diversos âmbitos.

Os atos educativos devem ter por base o desenvolvimento da autonomia com responsabilidade, possibilitando ao aluno a tomada de decisões responsáveis, a sua avaliação e a necessária correção. Neste contexto, a escola sede não terá toques para o início e final das atividades letivas.

É importante que os jovens participem também nas decisões sobre as sanções a atribuir a eventuais atos de indisciplina ou mau comportamento, criando sentido de justiça e equidade. Assim, qualquer ocorrência com um jovem deve ser debatida em assembleia de grupo e tomadas decisões que se adequem à esfera de decisão do grupo para que cada jovem possa resgatar o seu comportamento e conseguir ter uma ação corretiva.

b) Respeito

O desenvolvimento da ação educativa no AEMM, pauta-se pelo respeito para com o aluno, para com a sua especificidade, a sua história e a sua família. Desta forma, não serão padronizados modelos de intervenção. Cada caso é tratado como um caso especial, independentemente das características individuais.

O respeito ensina-se respeitando, e é pelo exemplo que se educa.

c) Solidariedade e cooperação

Cada criança ou jovem é um ser com necessidades específicas, cada família um núcleo que precisa de se religar à Escola.

É fundamental perceber as necessidades do aluno para poder intervir na sua educação, ainda antes de orientar os seus estudos. A solidariedade gera solidariedade, pelo que este valor deve ser disseminado em conjunto com a comunidade. Nenhum jovem deve ficar sem apoio e esse apoio pode e deve vir de todos os lados. Dos seus pares, dos seus tutores, dos seus professores, do pessoal não docente.

A cooperação é parte fundamental no desenvolvimento humano. É ela que faz com que todos possam chegar ao objetivo, por mais diferente que seja. Substituir competição por cooperação deve estar presente em todos os atos educativos.

4.3. METODOLOGIA

A **metodologia base** assumida pelo Agrupamento, durante o triénio 25/26 a 27/28 é o **trabalho baseado em roteiro de estudo**, introduzido progressivamente no 3º e 4º ano e em todo o 2º ciclo.

Em todas as turmas ou grupos com esta metodologia base, o trabalho a desenvolver deve ser constituído pelas seguintes fases:

<table>
<tr><td colspan="2">Tempo de acolhimento e indução
Preparar o grupo para o trabalho, apoiar,</td></tr>
<tr><td>Utilização de roteiros de estudo disciplinares
Utilização de roteiros de estudo interdisciplinares
Trabalho autónomo
Integração de competências</td><td>Trabalho disciplinar sempre que necessário
Aprendizagem de conceitos-chave
Apoio para conteúdos específicos</td></tr>
<tr><td colspan="2">Tempo de sistematização e avaliação
Fazer balanços, fazer sobressair o essencial, avaliar e tomar decisões</td></tr>
</table>

Um roteiro de estudo é uma ferramenta pedagógica que permite ao aluno, ou grupos de alunos, realizarem aprendizagens através de uma sequência de atividades de exploração e pesquisa.

Assim, assume-se que uma metodologia centrada na instrução não ajuda os alunos a aprender tal como é necessário, nesta era do digital, nem a desenvolver as competências fundamentais. No entanto, admite-se que, em certos momentos, o tutor e o professor necessitem de uma intervenção mais direta e instrutiva com os alunos, utilizando o modelo instrutivo.

Admite-se ainda que, nos momentos em que o aluno se encontra a realizar as aprendizagens estruturantes (ler, escrever e contar), o ato educativo seja mais diretivo e centrado no tutor ou professor, uma vez que os alunos se encontram numa fase pouco autónoma do seu desenvolvimento. É ainda passível de admitir o recurso a trabalho por disciplina em momentos em que tal se justifique no percurso de aprendizagem.

4.4. DISPOSITIVOS PEDAGÓGICOS

Os dispositivos pedagógicos são o suporte da cultura organizacional manifestando-se como uma rotina, estratégia, recurso ou regra que contribua para a transformação da comunidade.

Dispositivos diretos

a) Tutoria - Cada docente passa a desempenhar o papel de **tutor**. O tutor é o adulto que ajuda a construir o currículo e que organiza as sessões de trabalho em cooperação com outros tutores. Cada docente será tutor de um grupo no 2.º ciclo;

b) Assembleia de escola – a assembleia de escola é o dispositivo pelo qual os jovens participam ativamente nas decisões da escola;

c) Registos de aprendizagem – os registos de aprendizagem são o dispositivo pelo qual as famílias acompanham o desenvolvimento do percurso do aluno. Esse percurso é registado na plataforma MODA ou outra caso se justifique;

d) Grupos de responsabilidade – é o dispositivo a partir do qual os jovens praticam a sua cidadania através de ações que contribuam para o bem comum;

e) Aula direta – é um dispositivo pedagógico que visa suprir uma necessidade científica de uma determinada disciplina. Sempre que um grupo ou parte dele tiver necessidade de desenvolver uma matéria mais específica, um professor com habilitação científica colaborará diretamente com estes alunos.

Dispositivos indiretos

a) Equipa pedagógica – a equipa pedagógica é o dispositivo de ação estratégica e pedagógica de acompanhamento do percurso de cada aluno. É composta pelos tutores, ou professores dos diferentes grupos, pelos docentes de educação especial e pelos técnicos especializados;

b) Oficinas – as oficinas são dispositivos de aprendizagem que permitem aos aprendizes o trabalho direto com artes e ofícios, com o objetivo de dar significado às aprendizagens; Podem ser dirigidas pelos tutores, pelos professores, ou outros membros da comunidade;

c) Clubes – os clubes são dispositivos de inscrição voluntária e de congregação de jovens e têm como objetivo o desenvolvimento de uma atividade concreta na área das artes, do desporto ou outra que seja agregadora da vontade de um grupo;

4.5. ORGANIZAÇÃO DO PRÉ-ESCOLAR

A organização da educação pré-escolar persegue os objetivos do Quadro da Qualidade para a Educação de Infância, da Comissão Europeia. Centra-se no desenvolvimento das **potencialidades individuais** das crianças, visando a construção dos alicerces para a aprendizagem ao longo da vida.

São fundamentais neste ciclo de ensino e aprendizagem o direito a brincar e o direito à participação como forma de promoção de indivíduos autónomos.

Assim, considera-se que tudo o que envolve a criança é um espaço educativo, que deve ser usado para potenciar as aprendizagens, seja nas atividades mais formais ou menos formais.

Dada a pouca autonomia da criança nesta fase da vida, as atividades **devem ser intencionalmente planeadas, desenvolvidas e avaliadas** pelo educador, tendo como horizonte o desenvolvimento harmonioso e o bem-estar da criança. Mantêm-se, por este motivo, a estrutura administrativa em "grupos", sem prejuízo de momentos de partilha de espaços entre as crianças. As atividades referidas devem incluir, ao longo do ano, **momentos de interação com os alunos do 1.º ciclo**, nomeadamente do 1.º ano, como forma de promover a colaboração e conhecimento entre os educadores do pré-escolar e professores do 1.º ciclo, estimulando a articulação, a cooperação e solidariedade entre alunos e estabelecendo dinâmicas interciclos.

4.6. ORGANIZAÇÃO DO 1.º CICLO

O 1.º ciclo do Ensino Básico organiza-se pedagogicamente numa etapa de 4 anos para os alunos, em que os 2 primeiros anos estão centrados na aprendizagem das competências fundamentais de ler, escrever e contar. O 1.º e 2.º ano serão divididos em turmas. O 3.º e 4.º ano, utilizará gradualmente **roteiros de estudo** em grupos ou turmas flexíveis, de acordo com as necessidades e potencialidades dos alunos.

As disciplinas da matriz são aglomeradas em "trabalho com roteiro de estudo", com exceção da Ed. Física e do Inglês. Os roteiros de estudo devem, progressivamente, ser de cariz interdisciplinar.

Exemplo de horário de 3.º e 4.º ano:

	2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
9H00 – 10H30	Roteiro de estudo	Roteiro de estudo	Roteiro de estudo	Roteiro de estudo	Roteiro de estudo
10H30 – 11H00	AA	AA	AA	AA	AA
11H00 – 12H00	Roteiro de estudo	Inglês	Roteiro de estudo	Roteiro de estudo	Roteiro de estudo
12H00 – 13H00	TIC	Roteiro de estudo	Ed. Física	Roteiro de estudo	Inglês
13H00 – 14H30					
14H30 – 15H30	Roteiro de estudo	Roteiro de estudo	Roteiro de estudo	Roteiro de estudo	Roteiro de estudo

AA = Acompanhamento a Alunos

Os roteiros de estudo incluem trabalho interdisciplinar nas disciplinas de Português, Matemática, Estudo do Meio e Educação Artística.

A política de acompanhamento das aprendizagens é ancorada numa lógica de ciclo, dividido em 2 etapas: uma etapa que engloba o 1.º e 2.º ano, em que no final se tomam decisões sobre a continuidade para o 3.º ano, tornando a reprovação uma exceção, tal como prevê a legislação. Uma segunda etapa, que engloba o 3.º e 4.º ano, em que no final se tomam decisões sobre a conclusão do 1.º ciclo, com base nos critérios definidos pelo Agrupamento sobre as competências a atingir.

Aprendizagem da leitura e da escrita 1º e 2º ano	Momento de decisão	Desenvolvimento das competências do perfil do aluno 3º e 4º ano	Momento de decisão

O tipo de trabalho desenvolvido no 3.º e 4.º anos deve ser o catalisador para criar um *continuum* entre o 1.º ciclo e os ciclos seguintes, possibilitando uma lógica de desenvolvimento integrado e harmonioso capaz de fixar os alunos do Agrupamento.

4.7. ORGANIZAÇÃO DO 2.º CICLO

O 2.º ciclo do Ensino Básico organiza-se pedagogicamente numa etapa de 2 anos. Os alunos trabalham em grupos (cerca de 35 a 40, em média) com 3 tutores, em que podem conviver os que estão administrativamente no 5.º e 6.º ano. As disciplinas da matriz estão aglomeradas em "trabalho por roteiro de estudo" com exceção da Ed. Musical e Ed. Física.

A constituição de grupos não obedece a critérios de idade ou ano de escolaridade, mas a critérios mais relevantes para o desenvolvimento da aprendizagem, tais como a autonomia e a capacidade de análise e síntese.

A valência de **direção de turma** será substituída pela de **tutoria,** em que cada tutor do 2.º ciclo será diretamente responsável por um conjunto de alunos (tendo em conta o rácio aluno/tutor) dos grupos a que pertence.

Exemplo de um horário de 2.º ciclo para um grupo:

<table>
<tr><th></th><th>2ª feira</th><th>3ª feira</th><th>4ª feira</th><th>5º feira</th><th>6ª feira</th></tr>
<tr><td>8H15</td><td rowspan="5">Roteiro de estudo
(3 tutores)</td><td rowspan="2">Ed. Física
(2 professores)</td><td rowspan="5">Roteiro de estudo
(3 tutores)</td><td rowspan="4">Roteiro de estudo
(3 tutores)</td><td rowspan="4">Roteiro de estudo
(3 tutores)</td></tr>
<tr><td>9H15</td></tr>
<tr><td>10H25</td><td rowspan="3">Roteiro de estudo
(3 tutores)</td></tr>
<tr><td>11H25</td></tr>
<tr><td>12H25</td><td>Assembleia
(todos os tutores)</td><td>Ed. Física
(2 professores)</td></tr>
<tr><td>13H25</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td>14H25</td><td rowspan="2">Ed. Musical
(1 professor)</td><td rowspan="2">Ed. Musical
(1 professor)</td><td rowspan="2"></td><td rowspan="2">Roteiro de estudo
(3 tutores)</td><td rowspan="2"></td></tr>
<tr><td>15H25</td></tr>
</table>

O grupo original divide-se em 2 grupos mais pequenos quando for tempo de trabalho em Ed. Física e Ed. Musical.

Cada equipa de tutores organiza, gere e avalia o trabalho dos grupos procurando rentabilizar a capacidade dos alunos, os cenários de aprendizagem disponíveis e os referenciais aprovados pelo Estado Português e pelo Agrupamento.

4.8. ORGANIZAÇÃO DO 3.º CICLO

O 3.º ciclo organiza-se pedagogicamente numa etapa de 3 anos, com uma organização em turmas que, à medida do desenvolvimento de cada docente. A organização do trabalho dos docentes será por equipas pedagógicas. O apoio individualizado é garantido através de tutorias comportamentais e apoio em pequeno grupo.

4.9. A POLÍTICA DE INCLUSÃO NO AGRUPAMENTO

A organização dos alunos em grupos no 1.º ciclo (3.º e 4.º ano) e no 2.º ciclo favorece a individualização e acompanhamento por parte dos tutores dos grupos, através da flexibilização da organização desses mesmos grupos, pelo que se tornará menos necessária a "retirada" desses alunos do contexto de grupo. Também permite um *feedback* de maior qualidade e mais individualizado.

A constituição dos grupos de alunos deve obedecer a critérios que permitam que todos eles possam estar incluídos no trabalho a desenvolver, **constituindo o apoio individual fora da sala de aula uma exceção**, de acordo com os materiais a utilizar, as medidas educativas do aluno e o tipo de aprendizagem a realizar. A valência da unidade de ensino estruturado, no 1º ciclo, constituirá

Competirá assim às equipas (PTT, educação especial, técnicos), decidir sobre a necessidade temporária de certos alunos participarem em grupos mais pequenos que favoreçam uma maior inclusão, tais como português para alunos estrangeiros ou medidas de suporte à aprendizagem do Decreto-Lei n.º 54/2018, nomeadamente para jovens com medidas adicionais. As medidas universais e seletivas deverão ser acomodadas junto do grupo onde o aluno se insere, através da diferenciação, pois retirar um aluno do seu contexto relacional nem sempre é a melhor opção.

Desta forma, os docentes de educação especial e os técnicos especializados reorganizarão a sua intervenção no sentido de criação de condições de maior nível de apoio aos alunos do 1.º e 2.º ano (organizados em turmas) com medidas mais severas.

4.10. A POLÍTICA DE APOIO ÀS CRIANÇAS E JOVENS

Nesta organização por roteiro de estudo, o apoio é garantido pelos tutores e professores que partilham o grupo ou turma, sendo estes os responsáveis pela sua gestão e pela sua forma de funcionamento. Sempre que, no seio de um grupo de alunos, houver a necessidade de apoios ainda mais individualizados que não caibam no contexto do referido anteriormente (política de inclusão), devem ser mobilizados os recursos de gestão de cada grupo para suprir aquelas dificuldades.

Na organização por turmas, os apoios são garantidos na componente não letiva dos professores para os quais tenha sido distribuído esse serviço.

4.11. A POLÍTICA DA VOZ DAS CRIANÇAS E JOVENS

A voz das crianças e jovens é garantida em assembleias. Em cada escola optar-se-á pela seguinte organização:

Escola Santo Condestável – Assembleia de escola com os representantes de cada turma;

Escola Manuel da Maia - todos os alunos de 2.º e 3.º ciclo participam na assembleia de escola, que decorrerá na lógica de 3 assembleias de escola por mês e 1 assembleia de turma.

As assembleias de escola constituirão 80% da política de voz dos alunos. Os restantes 20% serão constituídos por assembleias de turma para permitir um acompanhamento mais individualizado dos alunos, realizar uma avaliação formativa e atribuir uma classificação no final dos semestres.

No 2º e 3º ciclo, a assembleia de turma constitui uma disciplina da matriz curricular com avaliação e classificação própria.

4.12. REFERENCIAIS DE APRENDIZAGEM

Os referenciais para a construção do percurso curricular de cada aluno são os que se encontram aprovados pelo Ministério da Educação, Ciência e Inovação, nomeadamente o **Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória** e as **Aprendizagens Essenciais**.

Nas turmas ou grupos incluídos no projeto ***Coolaborar***, compete ao Agrupamento, no âmbito da sua autonomia, interpretar os princípios pedagógicos dos documentos em vigor, construir os roteiros de estudo e encontrar a melhor forma de "extrair" do trabalho com os alunos as evidências de aprendizagem necessárias à tomada de decisão. Os roteiros de estudo constituirão a principal ferramenta pedagógica, sem prejuízo da utilização de outras metodologias que sejam eficazes.

4.13. PROJETOS EXTERIORES À ESCOLA

No contexto deste projeto educativo, compete ao Agrupamento encontrar as parcerias que potenciem as aprendizagens, no âmbito do ponto anterior. Assim, o Agrupamento entenderá como válida a participação de entidades externas, desde que se enquadrem no Projeto Educativo e contribuam para o desenvolvimento das competências nos alunos.

4.14. A POLÍTICA DE AVALIAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO

Com as alterações previstas neste projeto, torna-se necessário proceder a alterações nos critérios de avaliação e classificação em vigor, para que sejam adaptados à nova metodologia.

Numa metodologia centrada em roteiro de estudo torna-se necessário avaliar as aprendizagens de forma integrada, sem realizar a separação das áreas curriculares envolvidas em cada projeto, pelo que a realização de uma prova escrita não se adequa à avaliação de projetos interdisciplinares, como única fonte de informação.

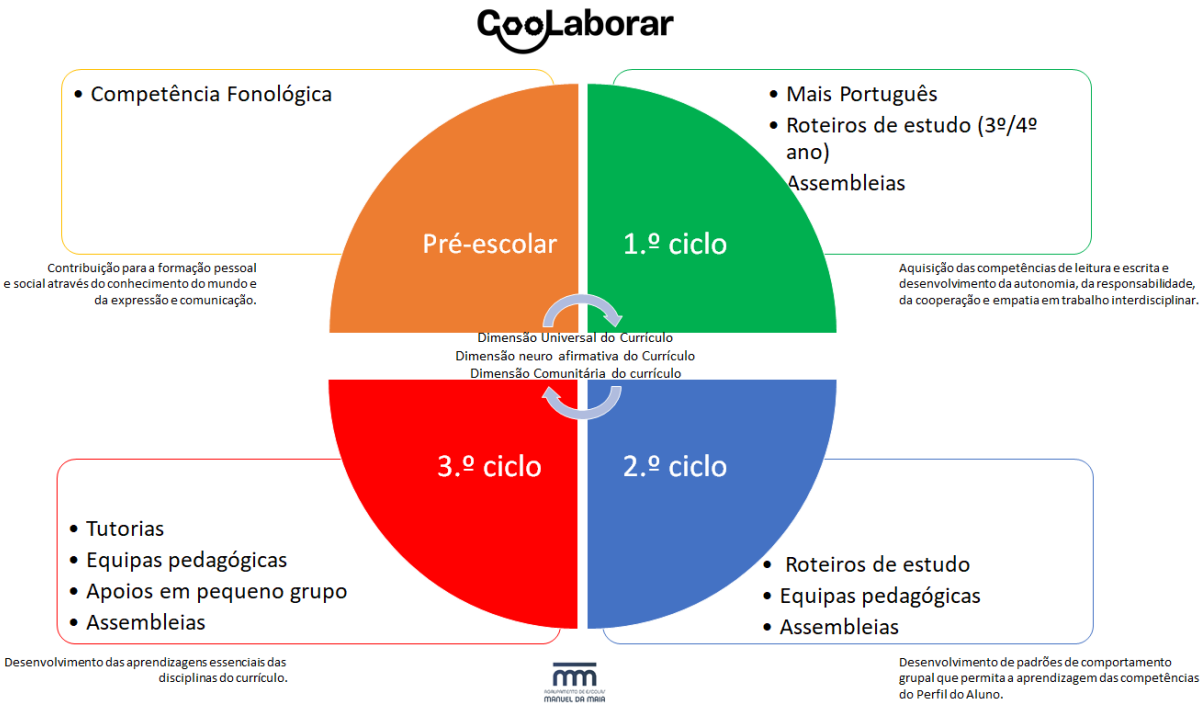
Serão construídos referenciais de avaliação e classificação que se adaptem às variáveis envolvidas nos trabalhos desenvolvidos, rejeitando-se uma avaliação puramente disciplinar, instrumental e normativa.

4.15. OBJETIVOS GERAIS

- Fomentar a melhoria das aprendizagens, aumentando a qualidade do sucesso;
- Aumentar a taxa global de sucesso escolar;
- Promover competências sociais e prevenir o abandono e o absentismo escolar;
- Reforçar a articulação intra e interdepartamental e o trabalho colaborativo;
- Valorizar a importância e a imagem da escola, promovendo a relação escola-família-comunidade.

4.16. MAPA ESTRATÉGICO E METAS

Apresentam-se em seguida o mapa estratégico que expressa os objetivos estratégicos da organização.


CooLaborar
• Competência Fonológica
Pré-escolar
1.º ciclo
• Mais Português
• Roteiros de estudo (3º/4º ano)
Assembleias
Contribuição para a formação pessoal e social através do conhecimento do mundo e da expressão e comunicação.
Aquisição das competências de leitura e escrita e desenvolvimento da autonomia, da responsabilidade, da cooperação e empatia em trabalho interdisciplinar.
Dimensão Universal do Currículo
Dimensão neuro afirmativa do Currículo
Dimensão Comunitária do currículo
3.º ciclo
2.º ciclo
• Tutorias
• Equipas pedagógicas
• Apoios em pequeno grupo
• Assembleias
• Roteiros de estudo
• Equipas pedagógicas
• Assembleias
Desenvolvimento das aprendizagens essenciais das disciplinas do currículo.
Desenvolvimento de padrões de comportamento grupal que permita a aprendizagem das competências do Perfil do Aluno.

4.17. AÇÕES E INDICADORES DO PLANO ESTRATÉGICO

4.17.1. Assembleia de escola

Objetivo geral: Diminuir o número de ocorrências disciplinares no 2º e 3º ciclo

Objetivo específico: Conseguir uma intervenção de 40% dos alunos de 2º e 3º ciclo nas assembleias de escola (AE);

Indicador	Valor de partida 2025	Meta intermédia 2027	Meta final 2028
Número de ocorrências disciplinares no 2º e 3º ciclo	160	80	50
Taxa de intervenção de alunos de 2º e 3º ciclo nas AE	*Sem valor*	30 %	40 %

4.17.2. Desenvolvimento de roteiros de estudo (diferenciação e diversificação pedagógica)

Objetivo geral: Diminuir o insucesso escolar;

Objetivo específico: Alcançar as metas de sucesso definidas para cada ciclo

Indicador	Valor de partida 2025 *	Meta intermédia 2027 *	Meta final 2028 *
Taxa de insucesso escolar no final do 1º ciclo	7,16 %	5,0 %	3,0 %
Taxa de insucesso escolar no final do 2º ciclo	11,9 %	7,0 %	4,0 %

4.17.3. Mais Português

Objetivo geral: Diminuir o insucesso escolar no 2º ano;

Objetivo específico: Diminuir o número de alunos com insucesso a Português do 2º ano;

Indicador	Valor de partida 2025 *	Meta intermédia 2027 *	Meta final 2028 *
Taxa de insucesso escolar no 2º ano	18,2 %	15,0 %	12,0 %
Taxa de insucesso escolar em Português do 2º ano	29,9 %	20,0 %	15,0 %

4.17.4. Intervisão de docentes

Objetivo geral: Melhorar a prática docente com partilhas internas e intervisão;

Objetivo específico: Conseguir um total de 20 eventos de partilhas;

Indicador	Valor de partida 2025	Meta intermédia 2027	Meta final 2028
Número de eventos de partilhas de práticas	30	10	20

4.17.5. Imersão linguística e cultural

Objetivo geral: Diminuir o insucesso académico dos alunos de PLNM;

Objetivo específico: Diminuir o insucesso na disciplina de PLNM;

Indicador	Valor de partida 2025	Meta intermédia 2027	Meta final 2028
Taxa de insucesso dos alunos envolvidos na imersão	26,3 %	20 %	15 %

4.17.6. Apoio na disciplina de matemática do 3.º ciclo

Objetivo geral: Diminuir o insucesso na disciplina de matemática;

Objetivo específico: Diminuir o insucesso nas provas finais de matemática de 3.º ciclo;

Indicador	Valor de partida 2025 *	Meta intermédia 2027 *	Meta final 2028 *
Taxa de insucesso a matemática do 3.º ciclo	22,2 %	18 %	15 %
Taxa de insucesso nas provas nacionais de matemática	92 %	80 %	75 %

4.17.7. Fonologia no Pré-escolar

Objetivo geral: Diminuir o insucesso dos alunos de 1º ano na disciplina de Português;

Objetivo específico: Diminuir o insucesso dos alunos de 1º ano na leitura e na escrita;

Indicador	Valor de partida 2025	Meta intermédia 2027	Meta final 2028
Taxa de insucesso a português no 1º ano	30,4 %	20 %	15 %

4.17.8. Tutorias comportamentais no 3.º ciclo

Objetivo geral: Diminuir o insucesso dos alunos do 3.º ciclo;

Objetivo específico: Diminuir o insucesso dos alunos identificados para tutorias;

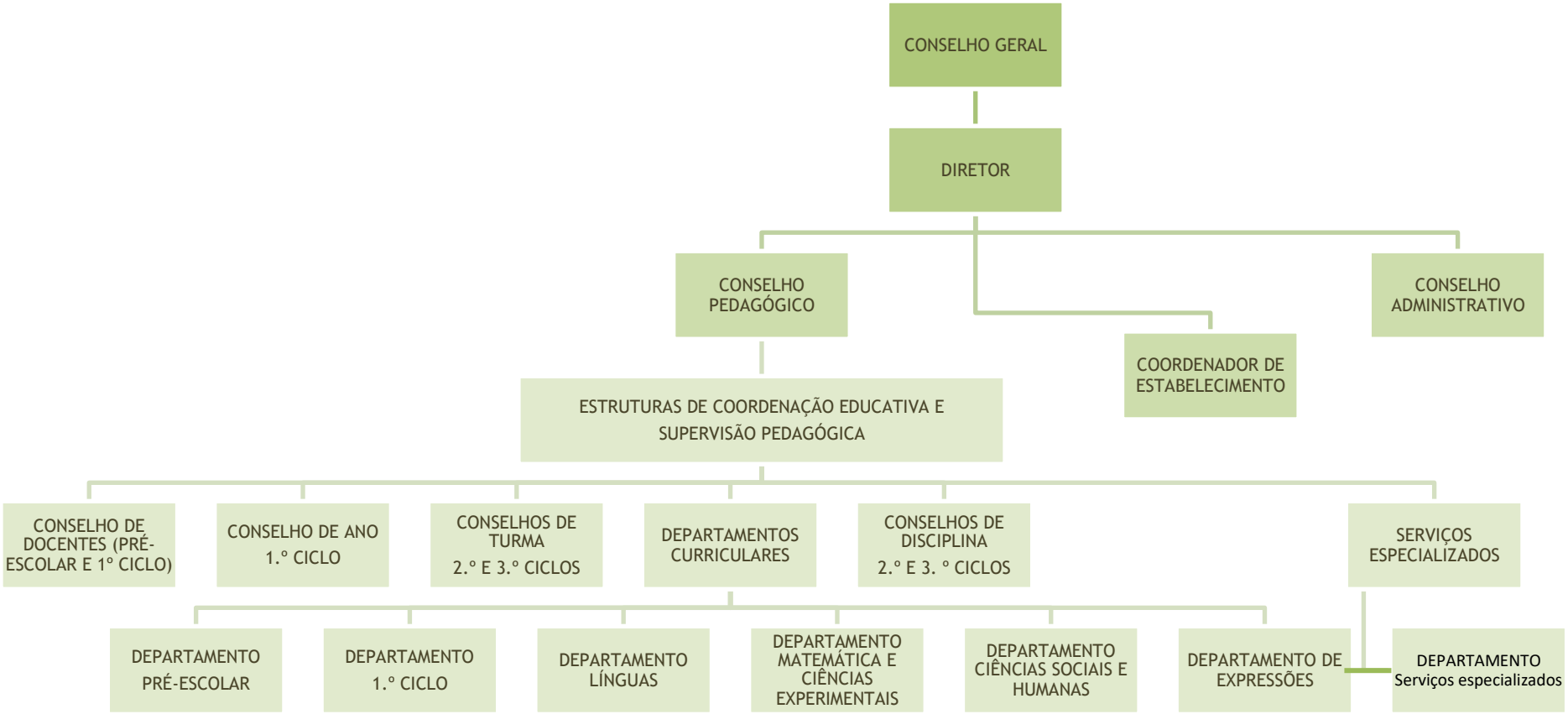
Indicador	Valor de partida 2025 *	Meta intermédia 2027 *	Meta final 2028 *
Taxa de insucesso de alunos identificados nas tutorias	19,35 %	15 %	11 %

* estes valores representam a média dos últimos 3 anos

5. ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA

5.1. ÓRGÃOS DE DIREÇÃO, GESTÃO E ADMINISTRAÇÃO

De acordo com o Decreto-Lei n.º 137/2012, de 02 de Julho que estabelece o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos de educação, a administração e gestão do agrupamento de escolas é assegurada pelos seguintes órgãos:



6. MONITORIZAÇÃO E AVALIAÇÃO DO PROJETO EDUCATIVO

O Projeto Educativo, sendo um referencial fundamental da Escola enquanto comunidade educativa, deve ser assumido e implementado por todos os seus membros.

A monitorização do grau de consecução dos objetivos e metas traçados deverá ocorrer no final de cada ano letivo, ao longo do triénio 2025-2028, de implementação deste Projeto Educativo, de modo a proceder-se a reajustamentos e a uma apreciação clara e objetiva do seu impacto na comunidade a que se destina.

6.1. MONITORIZAÇÃO E AVALIAÇÃO DO PE

O PE é aprovado pelo CG do Agrupamento mas compete, também, a este órgão "(…) acompanhar e avaliar", conforme regulamentado pelo Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de Abril, artigo 13, alínea c), com as alterações introduzidas pelo Decreto-Lei n.º 137/2012, de 2 de Julho. Para dar cumprimento a esta competência, este órgão acede e requer, aos outros órgãos e estruturas, toda a informação e documentos disponíveis e emite as recomendações que tiver como necessárias e adequadas.

A avaliação do PE tem como finalidades regular, informar e melhorar. Trata-se de um processo de aferição dos resultados obtidos, das metas alcançadas e dos objetivos concretizados, constituindo, assim, uma análise e reflexão sobre toda a organização do Agrupamento que, por sua vez, permite alcançar melhores práticas pedagógicas, melhores resultados e maior aperfeiçoamento do serviço prestado à comunidade.

A análise, o tratamento e a publicitação dos dados referentes à avaliação são da responsabilidade da Equipa de Auto-avaliação.

Através da monitorização do PE é possível:

- Verificar se os resultados e os objetivos propostos foram atingidos;
- Acompanhar a realização e qualidade da sua execução;
- Contribuir para a formação dos atores participantes;
- Rever estratégias e métodos de trabalho;
- Verificar o seu impacto na comunidade educativa;
- Orientar o Agrupamento na adequada aplicação dos seus recursos.

A auscultação dos agentes envolvidos na concretização do PE e a recolha de dados é imprescindível, para que se detetem os aspetos que, eventualmente, careçam de reformulação.

Assim, constituem objeto de análise comparativa e tratamento estatístico:

- Os dados da avaliação final de cada ano letivo;
- Os resultados obtidos nas provas MODA e nas provas finais de ciclo;
- Taxa de retenções em cada ciclo e ano de escolaridade;
- O número de casos de insucesso por abandono e falta de assiduidade;
- O número de alunos envolvidos nas participações disciplinares.

Para uma monitorização adequada, os instrumentos privilegiados são:

- Atas de todos os órgãos de direção, administração e gestão do Agrupamento;
- Relatórios periódicos dos resultados escolares;
- Relatórios produzidos pelo programa de gestão de alunos;
- Questionários e Relatórios periódicos do TEIP;
- Questionários aos membros da comunidade educativa;
- Relatórios das diferentes estruturas de orientação educativa;
- Relatórios de estruturas de acompanhamento externas (DGE/IGEC/Perita Externa);
- Relatório de auto-avaliação

7. DIVULGAÇÃO DO PROJETO EDUCATIVO

A importância atribuída ao Projeto Educativo torna fundamental a sua divulgação a toda a comunidade, de modo a permitir uma identificação ainda maior entre aquela e os grandes objetivos do Agrupamento de Escolas Manuel da Maia.

O PE deverá ser divulgado em cada estabelecimento de ensino. Deve ainda ser enviado por correio eletrónico a todos os docentes e não docentes e ser publicitado na página web do Agrupamento.

*Aprovado em reunião do Conselho Geral de ** de ** de 2025*

8. BIBLIOGRAFIA

Alves, J. M. (2003). Organização, gestão e projectos educativos das escolas. (6ª ed.). Porto: Edições Asa.

Azevedo, R. (Coord.) (2011). Projectos educativos. Elaboração, monitorização e avaliação. Guião de apoio. Lisboa: Agência Nacional para a Qualificação

Fontoura, M.; Do Projecto Educativo de escola aos Projectos Curriculares – Fundamentos, processos e procedimentos; Colecção Panorama; 4.º volume; Porto Editora.

Oliveira, M. L. (2000). O Papel do Gestor Intermédio na Supervisão Escolar. In Alarcão, I. (org.) Escola Reflexiva e Supervisão. Uma Escola em Desenvolvimento e aprendizagem. Porto: Porto Editora.